

UMA IDA A CASA BRANCA

Património Mundial como chave de programas alternativos?

A caminho do Alentejo

Já temos a mala do carro completamente repleta de todos os artefactos: os nossos e os da bebé, consumidora do espaço que (não) temos a bordo da nossa carripiana a gasolina. Pena que de todo não seja *possível* ir de comboio.

O nosso destino é Évora, *Património Mundial da Humanidade*. Essa cidade fortificada que é por si só um *monumento*, uma amálgama de sensações e ofertas para quem, como nós, deseja um pouco de calor e de sossego, esperando espriar as vistas na planície alentejana.

Évora

Reencontrar Évora é sempre um prazer. E para adormecer as rotinas no ritmo cantado do Alentejo, temos na gastronomia feita de queijos, azeitonas, aromas de ervas e pão, o pretexto para os tintos maduros aveludados aromáticos.

Na planura da terra chã, ondas de pequena vaga amarelecidas ao Sol e ventos secos, montes caídos a branco e sobreiros avulso que mancham com verde cansado a nossa veia contemplativa.

E no Giraldo uma *novidade* que se mistura com o findar da queima das fitas, pretexto de negros têxteis à solta: a feira do livro. Tendas medievais brancas à solta, como se no tempo recuássemos. E livros e livros em resmas, impedindo o olhar de reconstituir o postal da praça.

Já mais pelo templo romano, e pelas ruas estreitas, gentes de máquinas a tiracolo, calções, sandálias, plantas de cidade. Talvez (ainda) não encham a cidade, mas estes turistas *compõem-na*.



Fig.1 – Templo de Diana

A estação de caminho-de-ferro

A estação tem o nome de Évora e efectivamente está *em Évora* (e não afastada como tantas outras que ainda assim ganham nome da localidade - mais próxima - que servem).

Chega-se bem a pé do centro da cidade (Praça do Giraldo) à estação, a menos de alguma dificuldade motora, ou alguma inimizade com pequenas caminhadas de 700 ou 800 m. E quando se lá chega há pormenores curiosos, como uma praça de táxis com capacidade para (*muitos*) táxis, quando, desconfiamos desde logo, (já) não haverá muito movimento de passageiros.



Fig.2 – Estação de Évora. Com inscrição da data de 1940, é das que tem a bilheteira fechada e bonitos painéis de azulejo

A(s) linha(s) em Évora

Évora é (foi) a confluência de ramais / linhas que a ligavam:

- direcção Nordeste a Portalegre (1949) – com ramal em Estremoz para Vila Viçosa (1905) - ambos fechados a passageiros a 1 de Janeiro de 1990...
- direcção Oeste a Reguengos de Monsaraz (1927) – ramal fechado a passageiros a 1 de Janeiro de 1990...
- direcção Nor-noroeste, a Mora (1908), fechada a passageiros a 28-05-1987...e hoje transformada numa ecopista...
- direcção Leste leva-nos a Casa Branca. Esta ligação existe desde 1863.

O que fazer?

Naturalmente que o programa da estada teria que incluir uma viagem de comboio.

Outro projecto seria a visita à secção museológica de Estremoz.

Em Estremoz

Mesmo tendo telefonado¹ no próprio dia (pela existência de um feriado), não me foi concedida a honra de poder visitar a secção. Não estava previsto abrir, e só para 2 pessoas, e àquela hora, não era (já) possível. Razão: o funcionário que o faria teria que percorrer 100 km!

Uma nota muito positiva para quem nos ajuda do lado de lá da linha (S. Bento – Porto), a denotar um esforço no sentido de agradar. Já tinha tido contacto prévio para visitar Macinhata do Vouga e Valença, havia pouco tempo. Os recursos é que parecem escassos...

Voltaremos ao tema da museologia...

Apesar da nega, fomos conhecer o caminho que percorreríamos se nos mostrassem o material preservado.

A estação de Estremoz é aproveitada pelas rodoviárias para bilheteira e sala de espera. Bonitos azulejos, abandono (quase) completo. Ao longe as cocheiras da secção museológica. Não há serviço de passageiros, mas a linha tem desgaste de uso.



Fig.3 – Painéis de azulejos na Estação de Estremoz. Degradação à vista, como nos vimos a habituar com o património ferroviário

Ida e volta a Casa Branca

Para o passeio de comboio uma visita exploratória no dia anterior permitiu conhecer as alternativas em termos de horários disponíveis. Mais do que isso, permitiu uma avaliação prévia do que é o material circulante.

Julgo que a palavra *surpreendente* é a mais adequada. Mesmo estando habituado a ver material circulante antigo, a verdade é que as Nohab da série 0100 (motor *diesel* Saab-Scania), entradas ao serviço em 1948 (!) ainda rolam!

¹ Para visitar as secções museológicas da CP, convém sempre marcar previamente a visita, utilizando um número fornecido pela CP



Fig.4 – Nohab chegando a Évora à tabela (20h33), enquadrada na bonita estação de Évora.

Surpreende saber que a cidade de Évora nas pessoas dos turistas que a visitam, ávidos de conhecimento e experiência *do passado*, estejam de *costas viradas* para o comboio. Parece-me que fazer um pequeno *giro* naquele comboio (leia-se automotora), é uma experiência interessante, comparável a outras viagens pelo passado em carris (e não falo só de comboios), que estão *disponíveis* em Portugal, quer nas cidades de Porto, Lisboa, Sintra, quer no Douro a partir da Régua.

Com 7 comboios descendentes, i.e., a ligar Casa Branca a destinos para Sul (Beja, Funcheira, Tunes), e com 5 ascendentes diários, só há 2 possibilidades de «ida e volta» a Casa Branca, sem grande espera no regresso: 18:01 (regresso 19:09), 19:14 (regresso às 20:33 – o escolhido).

Estando já programado o início de obras no ramal de Évora, integrado que está num projecto estratégico-político da criação de uma linha de mercadorias entre Sines e Évora – apesar das notícias da sua suspensão – a velocidade máxima permitida é de somente 60 km/h, sendo que mesmo *tão devagar*, os solavancos abanam bem o esqueleto dos viajantes.

Lá fora o sossego da paisagem alentejana: cereal, sobreiro, lebres assustadas, cegonhas no alto dos ninhos (bem junto à linha).



Fig.5 – Exemplo das vistas: sobreiros, e cereal...

Uma nota menos positiva, mas que se refere à automotora que nos transportou: já cansada de quilómetros nas planícies alentejanas, o funcionamento do motor já não era exactamente o que se espera de um ciclo *diesel*, sendo que em vez

de queimar só a mistura ar-gasóleo, havia no ar um cheiro que dava conta de queima de óleos...incomodativo e perigoso para a saúde pública...

O serviço de passageiros

Estas ligações de e para Évora, levam e trazem passageiros para comboios da linha do Alentejo, sendo que em Casa Branca – dado tratar-se de via única – há cruzamento dos mesmos. A experiência vivida permitiu avaliar como bom o resultado esperado, a menos do número de passageiros num e noutro sentido: não ultrapassaram no conjunto 2 dezenas. 3,60 € ida e volta é o que se gasta em 2ª classe.

Algo a fazer?

É sabido que Évora *chama* pessoas pelas suas características históricas. Mas quem faz turismo, e cada vez mais, procura *alternativas* para melhor preencher a sua estada.

A Câmara de Évora teve o *cuidado* de transformar o ramal de Mora (dentro da cidade) numa ecopista, brindando os munícipes com o funeral da citada linha. A título de *redenção*, e numa perspectiva de arrendamento (talvez a melhor solução para que a REFER e CP *aceite* o negócio) poderia criar (leia-se fazer criar) com os operadores turísticos e outras entidades interessadas um comboio *clássico* (para se distinguir do histórico) de Évora a Casa Branca.

Recursos consumidos? **Nenhuns**, dado que a Nohab com 57 anos ao serviço da CP é, por definição, *clássica*, e torna-se, aos olhos dos turistas *pitoresco* – isto dito sem ser de modo pejorativo.

Modificações? - Só um aumento (eventual) da oferta de viagens (sem prejuízo algum para as actuais, dado que a linha está *vazia* durante – algumas – horas).

E a consolidação e reforço da oferta? Com algum esforço e depois de verificado o sucesso do programa «comboio clássico em Évora – conheça a planície de modo diferente», poder-se-ia equacionar programas mais ambiciosos: «deslocar» o museu de Estremoz (distante e pouco acessível) para Casa Branca onde junto à placa giratória existente se poderia guardar (na *cocheira* existente) o material circulante.

Nota: por *deslocação* do museu sugere-se a adopção de um museu vivo, em que, após os trabalhos necessários, o material exposto e circulante estaria em condições de deslocar por meios próprios entre Estremoz e Évora, pois

parecer-nos-ia injusto o esvaziamento da secção museológica de Estremoz.

Método operatório? – Os recursos humanos do *museu vivo*, serviriam os 2 núcleos (pelo menos para abrir Estremoz não seria necessário o consumo de 100 km como actualmente), e em eventual regime alternado, ora abrindo um, ora outro.

Um quantas vezes por ano, far-se-ia um *desfile*, transferindo (trocando) o material entre Estremoz e Évora. Particularidade: para este desfile de material histórico, poder-se-iam vender bilhetes a preços «especiais», dado tratar-se de material de museu e dado o percurso estar fechado a passageiros até Estremoz (*oportunidade única* de realizar esta viagem).

A existência de um *museu* em Casa Branca permitiria aos viajantes «descansar» um pouco e não ter que utilizar a mesma automotora para o regresso ou, em alternativa, utilizar-se-ia material histórico, sendo que o *programa* já não se *confundiria* com o serviço ordinário de passageiros.

E por fim...

Gerir e criar também vem do coração...



Fig.6 – Chegada a Casa Branca. Espera pelos comboios que vindos do Norte e do Sul ali se cruzariam, para levar passageiros para Évora.